

Os lucros da

MAMONA

Introdução ao plantio no semi-árido abre nova oportunidade para pequenos agricultores que ganharam mais uma opção de renda no interior de Alagoas

Depois de assistir a um congresso sobre o plantio de mamona em 2004, o agricultor Antônio Fidelis voltou para a sua casa no município de Ibateguara, no Estado de Alagoas, decidido a aderir a essa cultura. Quase quatro anos depois, ele não só planta como comercializa sementes certificadas de mamona. Embora já estivesse disposto a plantar a oleaginosa, Fidelis, assim como vários agricultores da região do semi-árido de Alagoas, contou com uma ajuda importante para viabilizar sua produção: o programa de fomento e desenvolvimento do plantio de mamona na região, implantado pelo Sebrae/AL em parceria com o governo daquele Estado. Desde sua criação em 2005, o sistema fez com que o plantio se

espalhasse. Atualmente, são quase 500 agricultores, em 20 municípios, que cultivam aproximadamente 56 toneladas de mamona em uma área próxima a 800 hectares.

Segundo Everaldo Figueiredo, gerente da unidade industrial do Sebrae/AL, grande parte desse sucesso se deve ao clima favorável da região. "Foram feitos vários estudos de viabilidade e um zoneamento que mostrou os municípios com condições climáticas apropriadas para o cultivo da oleaginosa. No total, 33 municípios se mostraram aptos para plantar", conta. Além disso, através do programa, foram firmadas parcerias com usinas de biodiesel, o que garantiu a comercialização do produto.

Figueiredo conta ainda que um dos grandes benefícios da mamona é que ela gera aumento na renda do produtor, principalmente pelo fato de se fazer o plantio em conjunto com outras culturas. "Desde que plante com os intervalos adequados, não existe concorrência de culturas, sendo uma o complemento da outra. A produção de mamona se torna uma forma de agregar valor num período que a terra não é utilizada para outras culturas", explica. Com isso, o produtor recebe um ganho extra. "Um agricultor que cultiva a mamona em cinco hectares, com a cultura do feijão, pode agregar até R\$ 300 por mês a sua renda", exemplifica Figueiredo.

Hoje com seis hectares dedicados ao plantio da oleaginosa e com uma produção média de 2.500 quilos por

APOSTA:
*planta se dá bem
em regiões de
pouca água*





mês, Fidelis confirma o papel fundamental do programa, "Já Houve várias tentativas de implantar Esse projeto em Alagoas. Mas sempre havia problemas na hora da comercialização. Hoje está mais organizado, com produtores cadastrados, zoneamento para a cultura e acompanhamento técnico", comemora o agricultor, que já descobriu outras possibilidades para comercializar o seu produto. "Recentemente mandamos 15 toneladas para São Paulo para a indústria farmacêutica, que paga um preço muito melhor", diz. Segundo Fidelis, enquanto a indústria do biodiesel paga cerca de R\$ 1,06 pelo quilo da mamona, o setor farmacêutico paga até R\$ 1,30 pelo mesmo produto. "Temos de procurar sempre o melhor preço", analisa. Para o agricultor, porém, o melhor ainda está por vir. "Neste ano tenho certeza que o produtor vai ter bons lucros, pois a tendência do preço é aumentar", prevê Fidelis.

De olho no futuro, Figueiredo diz que o objetivo agora é começar a comercializar o óleo de mamona refinado, o que dará um ganho muito maior. "Hoje o preço médio da mamona é de R\$ 0,60 o quilo, enquanto o preço do óleo varia entre R\$ 1,60 e R\$ 2." Para viabilizar o projeto, os agricultores estudam a possibilidade de se unirem em uma cooperativa ou em uma associação. "Também estudamos um acordo com a Petrobras que viabilizaria essa produção", conta o animado gerente. Tudo para ir longe com a mamona. De bobos esses produtores não têm nada. Afinal de contas, o governo federal garante a compra de 800 milhões de litros de biodiesel por ano, num mercado de mais de



R\$ 1 bilhão por ano. Em todas as regiões do Brasil, serão necessárias novas plantas para a produção do óleo vegetal, cuja mistura, nos próximos anos, será de 5% adicionado ao diesel comum.

Algumas entidades, como a Associação Brasileira de Biodiesel (Abiodiesel), defendem a ampliação da base de produtores. "Precisamos de mais gente fornecendo matéria-prima. Porém, os preços pagos pelo combustível, nos leilões do governo federal, têm de melhorar", comenta o presidente da entidade, Nivaldo Trama. De acordo com ele, caso isso aconteça, os produtores também serão mais bem remunerados. Uma das preocupações de Trama é que mais empresas se instalem próximo aos centros fornecedores. "Precisamos estar perto dos produtores", analisa. Segundo ele, embora não haja previsão de novas empresas no interior de Alagoas, novos estudos devem apontar as regiões com mais vocação. "Esse mercado ainda vai crescer muito e isso tem que acontecer a partir do setor produtivo e a mamona pode fazer parte desse processo", analisa o presidente da Abiodiesel.

Enquanto esse mercado não chega aos confins de Alagoas, produtores anseiam pela abertura de novos mercados. Isso porque a mamona, cuja tecnologia de produção não é mais um problema, pode ter vários destinos. Entre eles: biodiesel, componente de aviação, cosméticos para pele, entre outras. Isso porque eles estão só começando...

